

## A VISÃO DOS PROFESSORES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS SOBRE A PROGRESSÃO CONTINUADA

***Giovana Zamith Vilela, Helder J. F. Lima<sup>1</sup>, Sebastiana Maria Leite, Esmeralda Matsumoto, Luiz José do Nascimento Filho, Emanuel Francisco de Lima, orientadora Maria Tereza Dejuste de Paula***

Univap/História, giovana@iar.unicamp.br  
Univap/ Matemática, helderjflima@gmail.com  
Univap/Pedagogia, Sebastiana Maria Leite  
Univap/Matemática, esmeralda2@ibest.com.br  
Univap/ Engenharia, ljn.filho@bol.com.br  
Univap/ Ed. Física, manublack10@yahoo.com.br

**Resumo-** Este artigo tem por objetivo evidenciar a visão dos professores de ensino fundamental escolas municipais de São José dos Campos a respeito da progressão continuada. A pesquisa se pautou pelas entrevistas com 10 professores das escolas municipais de São José dos Campos. A pesquisa revelou que os professores não aprovam a progressão continuada porque segundo eles este sistema prejudica a aprendizagem do próprio aluno, que a prática dos professores contém resquícios do regime seriado. Conclui-se que, a progressão continuada apesar de implementada a 12 anos ainda é um regime muito frágil e que não conseguiu, em decorrência da forma e das condições como foi implementada, atingir seu potencial democratizador

**Palavras-chave:** Ciclos, Visão docente, ensino fundamental.

**Área do Conhecimento:** Educação

### 1 Introdução

Instituída pelo Conselho Estadual de Educação (CEE), a progressão continuada é um conjunto de orientações incorporado à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei 9394/96) e adotado, desde 1998, no ensino fundamental nas escolas da rede pública do Estado de São Paulo (AUGUSTO, PINASSI, 2006). Segundo Miranda e Borges (2000), trata-se de um sistema de educação no qual foram modificadas as etapas de ensino, substituindo a organização escolar em séries pela organização em ciclos. Com isso, eliminar-se-ia a repetência no final do ano em troca de um maior acompanhamento e respeito às fases de aprendizagem de cada aluno. Outro objetivo da mudança era permitir que os recursos perdidos anualmente com a grande quantidade de alunos reprovados fossem utilizados como auxílio na melhoria das condições materiais das escolas, bem como dos salários dos professores (SÃO PAULO, 1995 apud STEINVASCHER, 2005).

Embora tenha sido adotada com essas intenções, Cunha (2009), Jacomini (2004) e Steinvasher (2005) afirmam que o sistema de ciclos foi implantado de forma autoritária, sem a participação dos professores. Além disso, eles não

teriam recebido capacitação nem informação necessária para trabalhar no novo sistema. De acordo com as autoras, os cursos de formação continuada ou de formação de professores não abordariam o assunto, o que implicaria que a prática docente ainda contém resquícios da concepção de ensino seriado convivendo com práticas do sistema de ciclos. Outras críticas apontam ainda que há falta de condições materiais necessárias à realização da mudança, tais como: baixa remuneração salarial do professor, alto número de alunos em sala de aula, horas insuficientes para o trabalho coletivo (HTPC), bem como ausência de coordenadores pedagógicos para sua orientação, ausência de professores capacitados para aulas de reforço, entre outros (CUNHA, 2009; JACOMINI, 2004; JEFFREY, 2006). Dessa forma, apesar da diminuição das retenções, não haveria ainda suficiente alteração da organização escolar para permitir alcançar os objetivos do novo sistema.

Com base nessas informações percebe-se que, apesar da progressão continuada ter sido implementada há 12 anos, seus problemas ainda não foram solucionados, já que o regime ainda é frágil e cheio de falhas, além de os docentes não saberem como trabalhar dentro dele.

Segundo Cunha (2009), em virtude das falhas apontadas, muitos professores se opõem à Progressão Continuada. Entretanto, apesar da oposição, teriam buscado mudar suas práticas para se adaptar às novas condições de trabalho e ajudar na aprendizagem dos alunos com maior dificuldade. A autora evidencia que a adesão do professor é fundamental para o sucesso da Progressão.

O presente trabalho tem o propósito de identificar e discutir a opinião que professores da rede pública possuem a respeito da progressão continuada e a influência que este regime tem provocado em seu trabalho e prática pedagógica.

## Metodologia

A pesquisa qualitativa de caráter exploratório utilizou-se de entrevistas estruturadas como instrumento de coleta de dados. Foram levantadas informações sobre a opinião dos professores em relação à progressão continuada e sua implementação, a formação inicial e continuada do professor para atuar no sistema da progressão, a importância da atuação docente para o sucesso do mesmo, as condições do reforço escolar, das horas de HTPC, o desempenho dos coordenadores no auxílio dos professores com os problemas enfrentados em sala, a influência da progressão na auto-estima dos alunos, na indisciplina e na aprendizagem dos alunos. Além disso, as perguntas objetivam investigar as mudanças efetuadas pelos professores em sua prática pedagógica devido à progressão, e por último a nova forma de avaliação utilizada pelos professores dentro do regime de ciclos.

Foram entrevistados 10 professores do ensino fundamental da rede municipal de São José dos Campos. As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, nas escolas onde os professores trabalham.

## Resultados

De dez professores sete não aprovam a progressão, todos os professores afirmaram que a progressão prejudica o aluno na medida em que não incentiva o aluno a estudar e faz com que ele não se interesse pelas aulas. Além disso, foi afirmado que o sistema de ciclos não ajuda o aluno a recuperar a aprendizagem perdida.

A pergunta sobre a implementação da progressão não foi entendida pela maioria dos professores

De dez professores sete foram a favor da volta ao regime seriado, pois, esta proporcionaria uma melhora na qualidade de ensino já que forçaria os alunos a levarem mais a sério as aulas e a se comprometer com o estudo, além de permitir que “o aluno não tenha problema nas séries seguintes” e impedir aqueles que não sabem nada de se formar.

De dez professores nove responderam que há falhas que devem ser corrigidas na progressão. Praticamente a maioria dos professores respondeu que estas falhas se encontram na forma de avaliação e recuperação.

Seis de dez professores afirmaram que não receberam na sua formação inicial (faculdade ou outro curso), informação para trabalhar dentro do regime de progressão continuada. Dentre esses seis quatro afirmaram não terem recebido essa informação porque quando se formaram a progressão ainda não tinha sido implantada. Já dentre os quatro que receberam informações sobre a progressão continuada na sua formação inicial dois afirmaram que esta foi muito teórica e distante da realidade, ou muito básica.

De dez professores oito afirmaram que receberam da Secretaria da Educação e/ou diretoria de ensino informação ou instruções para trabalhar no novo sistema. Dentre os oito, três professores criticaram essas informações qualificando-as como pouca, básica e muito teórica. Somente cinco receberam instruções e estão satisfeitas com elas.

De dez seis afirmaram que esse tema é contemplado nos cursos de formação continuada somente um professor se referiu às informações dadas como bem básica. Conclui-se que os cursos de formação continuada proporcionam para a maioria dos professores informações e debates sobre o tema.

Todos os professores foram unânimes em afirmar que o professor é importante para o sucesso da progressão continuada. Eles afirmaram que o sucesso da progressão depende do trabalho diário do professor em sala de aula, sua qualidade de ensino e sua avaliação dos alunos.

Dos dez professores seis afirmaram que os professores mudaram para se adaptar à progressão, porém, dos seis, quatro fizeram ressalvas nesta afirmação. Dois afirmaram que a maioria dos professores mudaram, um afirmou que a mudança foi parcial e o último afirmou que os professores mudaram apesar da mudança não ter sido para melhor já que ele não considera a progressão um bom sistema. Já os quatro que afirmaram que os professores não mudaram dois responderam que ocorre uma mescla do regime seriado e da progressão outro afirmou que os

professores são contra a progressão por isso não a aderiram.

Dos dez professores oito afirmam que mudaram sua prática pedagógica após a implementação da progressão. Entre esses oito cinco afirmam que tiveram que mudar para poder atender aos diversos níveis de dificuldade de aprendizagem dentro da sala de aula e 3 afirmaram que mudaram sua forma de avaliação. Os dois que responderam que não tinham mudado sua prática pedagógica afirmam que já começaram a trabalhar dentro do regime e não passaram pela mudança de regime.

Dos dez professores somente um professor afirmou que a progressão continuada não interferiu na aprendizagem dos alunos e 9 afirmam que com a progressão continuada a aprendizagem dos alunos mudou. Entre os nove, seis responderam que mudou para pior porque os alunos não demonstram interesse e preocupação em aprender e isso levou a uma piora na qualidade de ensino. Dois acreditam que a progressão continuada trouxe tanto benefícios quanto malefícios e somente uma professora afirmou que a progressão mudou para melhor a aprendizagem dos alunos já que neste sistema o aluno tem mais tempo para aprender e isto aumenta sua auto-estima.

Dos dez professores oito afirmaram que a progressão piorou a indisciplina dos alunos porque sem a possibilidade de serem reprovados, os alunos deixaram de se interessar pelas aulas, não se preocupam em aprender e aqueles que não sabem nada passam a bagunçar e atrapalhar a aula. Sem contar que, sem a possibilidade de reprovar os professores perderam sua autoridade. Somente uma professora afirma que a indisciplina tem aumentado por outro motivo que não a progressão.

Dos dez professores 6 afirmam que a auto estima dos alunos não mudou com a progressão continuada. Entre os quatro que afirmam que a progressão aumentou a auto estima dois afirmam que a progressão ajudou os alunos a permanecerem na escola e eles se sentem felizes por isso.

Dos dez professores 7 afirmaram que o reforço funciona para o aluno melhorar na aprendizagem, somente uma professora fez uma ressalva de que o esforço funciona mas poderia ser melhor. Os três professores que responderam que o reforço não funciona apresentaram justificativas diferentes, uma alegou que a carga horária era pequena, outro alegou que o reforço deveria ser diferente do que é e o último disse que o reforço precisaria melhorar muito.

Entre os dez professores sete afirmaram que as horas de HTPC os ajudam com as necessidades enfrentadas em sala de aula. Os

professores disseram que as horas de HTPC são importantes para eles já porque possibilita aos professores se atualizar, tirar duvidas, colocar as dificuldades, se inteirar sobre programação e informações importantes da vida escolar além de ser um momento destinado á leitura e estudos que ajudam à prática pedagógica dos professores.

Dos dez professores oito afirmaram que o coordenador pedagógico os ajuda e orienta a resolver problemas e dificuldades com os alunos em sala de aula. Mas dos oito, sete fizeram ressalvas afirmando que o coordenador ajuda um pouco e em alguns casos, mas que a maior parte dos problemas o professor enfrenta sozinho.

Dos dez professores sete afirmaram que a responsabilidade do professor na sala de aula é ensinar. Além da responsabilidade de ensino houve também nas respostas outras responsabilidades apontadas como formar moralmente, avaliar o conhecimento, incentivar interesse em aprender e conviver com os alunos. Conclui-se que a concepção do professor ainda está centrada no ensino, diferentemente das novas propostas pedagógicas implantadas com o regime de ciclos que propõem que o professor deve objetivar mais que o ensino a aprendizagem dos alunos.

Os professores afirmaram que eles passaram a avaliar os alunos globalmente por seus comportamentos, atitudes, frequência, competências e habilidades. Dois professores afirmaram que avaliam o aluno continuamente, pela melhora progressiva que este apresenta.

## Discussão

Segundo a discussão teórica apresentada na revisão bibliográfica a prática docente ainda conteria resquícios do regime seriado. Nossa pesquisa constatou que estes resquícios também foram verificados na prática pedagógica dos entrevistados de três formas: primeiro que os professores ainda julgam que o regime seriado é melhor que a progressão já que o primeiro forçava o aluno a se interessar nas aulas, a se comprometer com o aprendizado, a respeitar o professor e a ser disciplinado, segundo que os professores vêem a reprovação como solução para muito problemas, terceiro que a concepção do professor ainda está centrada no ensino e não na aprendizagem do aluno. Ao mesmo tempo que a prática pedagógica desses professores está permeada por concepções do regime seriado verificamos que os professores procuraram mudar suas práticas para poder lidar com a nova realidade imposta pelo regime de ciclos. Os professores afirmaram que mudaram sua forma de avaliação e estão se esforçando para atender os

vários níveis de dificuldade de aprendizagem apesar de desaprovarem o novo regime.

Portanto em concordância com a teoria constatamos que os professores de São José dos Campos mesclam em suas práticas pedagógicas concepções do regime seriado e do regime de ciclos.

Outro problema abordado pelos autores que levaram ao insucesso da progressão foi a falta de informação, orientação e cursos oferecidos pela diretoria de Ensino e/ou Secretaria da Educação. Em concordância á revisão bibliográfica pudemos concluir que a maioria dos professores não recebeu em sua formação inicial informações sobre o regime de ciclos. Mas diferentemente do que os autores afirmaram, constatou-se que a maioria dos professores receberam da Secretaria da educação e/ou da Diretoria de ensino informações para trabalhar no novo sistema e constatou-se também que os cursos de formação continuada abordam e discutem a progressão continuada.

Sobre a falta de condições materiais necessárias à realização da mudança, tais como as insuficiência de horas de HTPC, evidenciou-se que os professores de SJC consideram que as horas de HTPC os ajudam a enfrentar problemas na sala de aula, que são importantes para o professor tirar suas dúvidas, se atualizar além de ser um momento destinado á leitura e estudo. Um entre dez professores afirmou serem poucas as horas de HTC.

Sobre a ausência de coordenadores pedagógicos para orientação dos professores, a pesquisa contatou que oito entre dez professores consideram com ressalvas que os coordenadores pedagógicos os ajudam a resolver seus problemas e dificuldades com os alunos em sala de aula. Dos oito professores sete afirmaram que o coordenador ajuda um pouco e somente em alguns casos, mas que a maior parte dos problemas o professor enfrenta sozinho.

Em discordância das informações verificadas na revisão bibliográfica que constata a ausência de professores capacitados para aulas de reforço, sete do dez professores entrevistados afirmaram que o reforço funciona para o aluno melhorar na sua aprendizagem.

Portanto podemos afirmar que as condições materiais analisadas se mostraram fatores menos criticados pelos professores que a falta de interesse e comprometimento dos alunos com as aulas, a indisciplina dos mesmos, a perda de autoridade pelo professor.

## Conclusão

Em concordância com a teoria exposta na revisão bibliográfica, esta pesquisa constatou que

os professores não aprovam a progressão continuada porque segundo eles este sistema prejudica a aprendizagem do próprio aluno. Além de não aprovar a progressão a maioria dos entrevistados disse ser a favor da volta ao regime seriado alegando que este sistema poderia melhorar a qualidade de ensino já que forçaria os alunos a levarem mais a sério o estudo. A maioria dos entrevistados afirmou que a progressão ainda é falha e apontou como solução a mudança da forma de avaliação e recuperação do aluno.

Foi possível constatar que a prática dos professores contém resquícios do regime seriado como afirmaram as autoras citadas na revisão bibliográfica. Porém diferentemente desta constatamos que as condições materiais como insuficiência de horas de HTPC, falta de coordenador, falta de professores qualificados para dar aulas de esforço não foram apresentados pelos entrevistados como causas para o insucesso da progressão. Os professores enxergam como causas do insucesso do sistema de ciclos o fato dele ter prejudicado a aprendizagem dos alunos, gerado um aumento da indisciplina, do desinteresse e do descompromisso do alunos para com as aulas.

Conclui-se que, a progressão continuada apesar de implementada a 12 anos ainda é um regime muito frágil e que não conseguiu, em decorrência da forma e das condições como foi implementada, atingir seu potencial democratizador.

## Referências

AUGUSTO, Fabiana de Souza; PINASSI, Renata Segura. **A Progressão Continuada na Visão dos Professores de Língua Portuguesa**. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2006. 34p.

CUNHA, Isabel Bilecki da. A postura docente e os ciclos de aprendizagem em São Paulo. **Jornal de Políticas Educacionais**, Curitiba, v. 3, n. 5, janeiro - junho 2009. p. 3-12. Disponível em: <[http://www.nupe.ufpr.br/JPE/n5\\_1.pdf](http://www.nupe.ufpr.br/JPE/n5_1.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2010.

JACOMINI, Márcia Aparecida. A escola e os educadores em tempo de ciclos e progressão continuada: uma análise das experiências no estado de São Paulo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, setembro - dezembro 2004. p. 401-418. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/dia/dia/arquivos/File/conteudo/veiculos\\_de\\_comunicac](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/dia/dia/arquivos/File/conteudo/veiculos_de_comunicac)

ao/EDP/EDP30N3/EDP30N3\_01.PDF>. Acesso em: 18 maio 2010.

JEFFREY, Débora Cristina. Representações de docentes sobre o regime de progressão continuada: dilemas e possibilidades. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Rio de Janeiro, n. 29, outubro 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT13-2549--Int.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2010.

MIRANDA, Maria Aparecida A. C.; BORGES, Marcos Santos. **Progressão Continuada diante de cultura e clima organizacional da escola fundamental**. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2000. 32p.

STEINVASCHER, Andrea. Progressão Continuada no Estado de São Paulo: análise da produção acadêmica. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Rio de Janeiro, n. 28, outubro 2005. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt05/GT05-1047--Int.doc>>. Acesso em: 18 maio 2010.